



Revista FAMECOS: mídia, cultura e  
tecnologia

ISSN: 1415-0549

revistadafamecos@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul  
Brasil

Renard, Jean-Bruno

Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas

Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, núm. 32, abril, 2007, pp. 97-104

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495550188015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

# Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas\*

## RESUMO

Neste artigo, o autor pontua que é preciso analisar o grau de um boato na sociedade e estudar os mecanismos de distorção de fatos ou informações factuais. Para ele, no entanto, é muito importante entender como e por que são espalhadas notícias falsas que passam a merecer crédito. Renard acredita que boatos e narrativas populares contemporâneas são os equivalentes modernos de lendas antigas ao expressarem um pensamento social ou simbólico.

## PALAVRAS-CHAVE

- imaginário
- mitologia
- lendas urbanas

## ABSTRACT

*In this article the author believes that remains necessary to analyze the rumor's degree of actuality and to study the mechanisms of distortion of facts or factual information. For him, however, it is most important to understand how and why false news is spread and believed. Renard thinks that rumours and contemporary popular narratives are actually modern equivalents of ancient legends, all of them expressing social or symbolic thought.*

## KEY WORDS

- *imaginary*
- *mythology*
- *urban legends*

O fenômeno do boato é tão antigo quanto a palavra humana. “A mais velha mídia do mundo”, segundo a engenhosa fórmula de Jean-Noël Kapferer,<sup>1</sup> permanece, ainda hoje, uma de nossas fontes de informação, apesar da existência dos grandes meios de difusão coletiva que são a imprensa, o rádio, a televisão e, agora, a Internet. Quando um ou outro amigo nos pergunta “tu sabes da última?” ficamos curiosos pela novidade, que parece ser interessante e que passa a ser retransmitida por nós. Nosso primeiro ímpulo é acreditar na informação; primeiro, porque confiamos em nosso amigo, evidentemente; mas, também, porque, de modo geral, é materialmente impossível, na vida cotidiana, checar todas as informações que recebemos. Trata-se, de alguma forma, de uma confiança social obrigatória, sem a qual mergulharíamos em uma paranóia e em uma suspeita sistemática.

Em um primeiro momento, neste texto, propomos algumas definições de boatos e alguns princípios sobre os quais reposam seu estudo. Na segunda parte, analisamos concretamente alguns casos de lendas urbanas.

## Definições e princípios de estudo dos boatos e das lendas urbanas

O termo “boato” possui dois sentidos que é preciso, cuidadosamente, distinguir:

1. O boato como *informação não verificada*. Nesse estágio, não se prejulta a veracidade do “barulho que corre” e, nesta acepção, um boato não é, necessariamente, falso. Alguns “boatos”, neste sentido, se revelam exatos: por exemplo, a doença ou a filha desconhecida de um Presidente da República francesa. A partir desse momento, não se falará mais de “boato”, mas, simplesmente, de “informação”, um saber sobre a realidade.
2. O boato como *informação falsa*. Se depois de verificada uma informação se revela inexata, nós estamos, então, na presença de um “boato” no segundo sentido do termo. Trata-se de uma “falsa novidade”, na qual as pessoas acreditaram ou ainda acreditam.

Os boatos podem tomar a forma de um simples enunciado: um sujeito *x* (quer se trate de uma pessoa, de um grupo étnico ou social, de um objeto material, de um lugar etc.) é associado a um predicado *y* (estado ou ação). Por exemplo “tal atriz contraiu o vírus da Aids” ou “o forno de microondas envenena os alimentos”. Outros boatos tomam a

Jean-Bruno Renard

Université Paul Valéry/Montpellier III

forma de uma narrativa, de uma pequena história. São estes boatos narrativos que se chamam “lendas”. Um mesmo boato pode ser dito de forma breve – por exemplo: “Existem jacarés nos esgotos de Nova York” – e de uma forma narrativa mais extensa, que contará porque e como os jacarés foram encontrados nos esgotos de Nova York. Não se trata apenas de aproximar duas formas de boatos, mas, fundamentalmente, de aproximar duas correntes de pesquisa: a pesquisa psicológica e sociológica sobre os boatos, que se desenvolveu a partir da Segunda Guerra mundial, e a pesquisa etnográfica sobre as narrativas populares (contos e lendas), tal como ela foi elaborada, principalmente, pelos folcloristas franceses no final do século XIX e início do século XX (Arnold Van Gennep, Paul Sébillot, Pierre Sainctyves...).

Para diferenciar as lendas de hoje das lendas tradicionais, falamos de “lendas contemporâneas”, a fim de indicar que se trata de histórias que pretendem relatar os acontecimentos recentes cujos protagonistas são “contemporâneos” dos narradores. Ou se falará de “lendas urbanas”,<sup>2</sup> não porque elas se desenvolvem, necessariamente, no meio urbano, mas para sublinhar que estas lendas tratam da modernidade, de nossas sociedades técnicas e industriais, nas quais a cidade é emblemática. Michel-Louis Rouquette<sup>3</sup> definiu o boato – e esta definição também se aplica à lenda – por quatro traços característicos:

1. A *instabilidade*, ou seja, que o conteúdo da mensagem muda, principalmente quando o boato se forma e, simetricamente, depois de um período de relativa estabilidade, no momento em que ele se adapta a novos lugares (por exemplo, ao passar de uma cidade para outra ou de um país a outro).
2. A *implicação*, que é o verdadeiro motor do boato: é porque os indivíduos se sentem afetados pelo conteúdo de um boato que eles aderem a ele e o retransmitem. As histórias que mais nos interessam são aquelas que, de uma maneira ou de outra, nos dizem respeito.
3. A *negatividade*, que é um traço dominante dos boatos: nove entre dez boatos são negativos, “negros”, ou seja, relatam um acontecimento considerado infeliz ou detestável ou alertam para um perigo. De cada dez boatos, apenas um é positivo, “rosa”, ou seja, dá uma boa notícia, enuncia um fato considerado feliz. Podemos adiantar três explicações dessa negatividade dos boatos. A primeira é que as más notícias são consideradas como mais “vitais” do que as boas, sobretudo em se tratando de alertas: elas nos permitem tomar certas medidas e precauções. Em segundo lugar, a desvalorização das pessoas ou dos objetos evi- denciados pelos boatos negativos tem por coro-

láio a valorização de outras pessoas e de outros objetos. Concretamente, falar mal do outro é, indiretamente, falar bem de si e da pessoa para a qual se retransmite o boato: “Nós, nós não somos assim!”. Enfim, em terceiro lugar, o sucesso dos boatos negativos é próximo do dos *faits divers* trágicos: nós ficamos fascinados, ou seja, simultaneamente interessados e horrorizados pela desordem, pelo mórbido e pelas transgressões do que é proibido.<sup>4</sup>

4. A *atribuição*, que é a última das quatro características do boato. Trata-se da fonte designada pelo narrador como garantia de veracidade da informação. A atribuição pode ser fraca (“Se diz que...”, “Parece que...”), média (“Eu li no jornal...”, “Eu ouvi no rádio...” ou forte (“Eu soube de alguém importante...”, “Essa história chegou de um amigo de um amigo...”<sup>5</sup>)

O processo de atribuição é, às vezes, surpreendente. Em setembro de 1988, por exemplo, um alerta contra os decalques que estariam impregnados de LSD e drogariam as crianças – boato tido como falso pela Brigada dos Entorpecentes – anunciava em um *folder*: “A Brigada dos Entorpecentes confirma”! O boato tinha pura e simplesmente transformado o desmentido em confirmação.

Propomos a seguinte definição: *Um boato ou uma lenda urbana é um enunciado ou uma narrativa breve, de criação anônima, que apresenta múltiplas variantes, de conteúdo surpreendente, contada como sendo verdadeira e recente em um meio social que exprime, simbolicamente, medos e aspirações.*

Da variedade de elementos que definem o boato resulta um método de pesquisa pluridimensional. Elaboramos uma grade de análise com seis pontos:<sup>6</sup>

**A COLETA DA NARRATIVA E DE SUAS VARIANTES** A primeira etapa de uma pesquisa sobre o boato ou uma lenda urbana é aquela da coleta. O pesquisador faz o papel de um etnógrafo. A coleta das narrativas pode ser espontânea (ouve-se a história por acaso) ou suscitada: nesse caso, é preciso, principalmente, evitar perguntas às pessoas interrogadas que elas contem os “boatos” e as “lendas”, pois estes termos significam “histórias falsas” e as pessoas só irão relatar histórias nas quais elas não crêem. É preciso utilizar palavras neutras como “anedota” ou “narrativa” e deixar que as pessoas interrogadas especifiquem se elas acreditam ou não nessas histórias.

Pode-se, também, coletar os boatos na mídia – que os denuncia ou, às vezes, que os relata como informações verdadeiras – e na Internet (correio eletrônico, sites Web).

A consulta de obras enfocando os boatos e as lendas permite, também, verificar se existem narrativas idênticas ou semelhantes àquelas estudadas empiricamente. O especialista norte-americano das

lendas contemporâneas, Jan Harold Brunvand, publicou, recentemente, uma encyclopédia das lendas urbanas.<sup>7</sup>

A coleta das variantes de uma narrativa já é suspeita de uma lenda, porque as diferentes versões de um mesmo acontecimento não podem ser todas verdadeiras.

**O ESTUDO DO CONTEXTO DE DIFUSÃO** O pesquisador se vê, aqui, como um historiador ou um sociólogo para estudar a cronologia da difusão de um boato, sua extensão geográfica e sua implantação social. Se é falso que se pretenda que existiriam meios sociais sem boatos, por outro lado cada meio e grupo social possuem seus próprios boatos (é uma das consequências da *implicação*, examinada mais acima).

De acordo com a extensão de sua área de difusão, podem-se distinguir três tipos de boatos.

As *fofocas* se “acantonam” em um meio restrito (casa, trabalho, cidade) e estigmatizam os indivíduos em um ou em outro dos três domínios da vida cotidiana – dinheiro ou trabalho, amor ou sexo, saúde – que se encontra, por exemplo, nas resenhas dos horóscopos. Os *boatos*, propriamente ditos, interessam um meio social mais extenso, como, por exemplo, os trabalhadores ou os camponeses, ou mesmo um grupo comunitário ou nacional. Finalmente, as *lendas contemporâneas* adquirem, freqüentemente, uma dimensão internacional.

O estudo da difusão dos boatos destaca, igualmente, as redes, os líderes de opinião, as minorias militantes que desempenham um papel ativo na legitimação e na retransmissão dos boatos. Não se adere aos boatos por falta de instrução ou por irracionalidade, mas porque estas narrativas confortam as opiniões e as atitudes, às vezes muito racionais: por exemplo, os boatos que revelam os perigos dos novos produtos de consumo são, satisfatoriamente, acolhidos pelos movimentos de defesa dos consumidores, enquanto as lendas de acidentes de trabalho são exploradas pelos sindicatos dos trabalhadores.

**A MEDIDA DO GRAU DE VERACIDADE** Trata-se de pesquisar a veracidade de um boato ou de uma lenda. O pesquisador se apóia, então, no trabalho dos jornalistas, dos policiais, dos historiadores ou de qualquer outro especialista competente para estabelecer a realidade dos fatos e acontecimentos.

A pesquisa chega, freqüentemente, a descobrir elementos factuais que, uma vez deformados e metamorfoseados, contribuem para o nascimento do boato: por exemplo, as “figurinhas” de LSD decoradas com personagens de desenhos animados estão na origem do boato das imagens infantis impregnadas de droga; a existência de verdadeiros vírus informatizados suscitou um imaginário de vírus falsos; o tráfico de órgãos tornaram verossímeis as histórias horrorosas de roubos de órgãos etc.

**O ESTUDO DO PARATEXTO** O pesquisador se interessa, neste caso, a tudo o que dizem os narradores de um boato ou de uma lenda urbana a propósito dele ou dela, independentemente do próprio “texto” do boato ou da lenda. Assim, os narradores indicam qual é a sua fonte (da qual eles tiram a narrativa), qual é o julgamento de *credibilidade* que eles têm a respeito (incredulidade, dúvida, certeza) e, às vezes – informações preciosas para o pesquisador – quais são as *motivações* que os levaram a retransmitir a narrativa. Neste caso, os narradores são incitados a explicitar as idéias, as opiniões ou as crenças pelas quais a narrativa desempenha o papel de um exemplo concreto, de uma ilustração, talvez mesmo de uma prova.

**A ANÁLISE DA ESTRUTURA DA NARRATIVA** Narrativa breve, análoga à história engracada ou à fábula,<sup>8</sup> a lenda contemporânea apresenta uma estrutura narrativa simples e forte, fundada sobre a ruptura da normalidade da vida cotidiana. A anedota termina, freqüentemente, por uma “queda” surpreendente, horrorosa ou humorística. A simplicidade da estrutura narrativa permite, simultaneamente, uma memorização despreocupada da história e uma focalização em um pequeno número de personagens investidos de uma forte carga simbólica e opostos uns aos outros. Evidenciar a estrutura narrativa ajudará à interpretação das narrativas.

**A INTERPRETAÇÃO DOS BOATOS E DAS LENDAS URBANAS** É insuficiente mostrar que um boato ou uma lenda é falso(a). É preciso compreender, ainda, porque as pessoas acreditam em coisas falsas. A compreensão profunda de uma lenda se faz através de um trabalho de *hermenêutica*, de interpretação. Distinguem-se dois níveis de interpretações.

Em primeiro lugar, o boato ou a lenda veicula uma mensagem de *crítica social e moral*: os indivíduos ou os objetos são designados como sendo perigosos, os comportamentos são julgados como sendo condenáveis. Freqüentemente, as lendas urbanas exploram o tema da *justiça imanente*: os indivíduos são punidos pelas próprias consequências de suas más ações. A moral dos boatos e das lendas urbanas é, freqüentemente, conservadora, talvez até xenófoba, mas também existem narrativas que criticam o racismo, a ordem moral e a obsessão de insegurança.<sup>9</sup>

Em segundo lugar, o boato ou a lenda reativa os temas *simbólicos antigos*, já presentes nas narrativas populares do passado (contos, lendas tradicionais, mitos). As lendas contemporâneas aparecem, então, como uma modernização de temas imemoriais pertencentes ao patrimônio do folclore narrativo da humanidade: as histórias de feras no interior ou nas cidades prolongam as lendas de bestas aterrorizadoras; os agressores da violência urbana são os sucessores dos lobisomens de outrora e aos estrangeiros se atribuem as características de seres fantásticos do folclore tradicional. É por isso que os especi-

alistas das lendas urbanas encontram recursos inegotáveis nas obras sobre o imaginário coletivo ou nas listas de temas folclóricos como a de Stith Thompson.<sup>10</sup> Paradoxalmente, tudo se passa como se os temas intemporais fossem particularmente aptos a exprimir simbolicamente os problemas de hoje.

### **Estudo de caso: quatro lendas urbanas**

Nós selecionamos quatro exemplos de lendas urbanas que cobrem os principais receios de nossas sociedades contemporâneas: os perigos das novas tecnologias, o medo da violência urbana, a crença da natureza selvagem e o medo do estrangeiro.

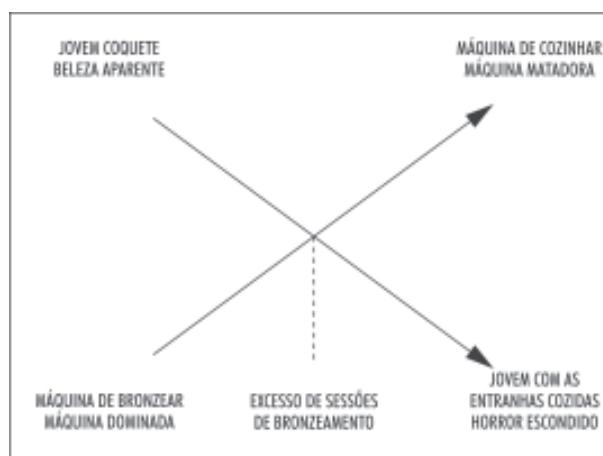
**A JOVEM QUE QUERIA SE BRONZEAR** Brunvand<sup>11</sup> coletou esta narrativa que circulava nos Estados Unidos no fim dos anos 1980:

Uma moça que deseja fazer um bronzeamento rápido consegue marcar sessões da lâmpada de bronzejar em um instituto de beleza. Ela fica resplandecente mas, logo depois, sente-se mal. Então, consulta um médico, que lhe diz que as entradas foram cozidas pela exposição exagerada aos raios UVA da lâmpada de bronzeamento. A jovem acaba morrendo no hospital.

Segundo as versões, a jovem quis iniciar as férias de verão bronzeada, agradar seu namorado ou, ainda, casar “produzida” para as núpcias. Ela fez de tudo para obter sessões extras de bronzeamento: conta-se, por exemplo, que se inscreveu, simultaneamente, em vários institutos. Às vezes, quando ela começava a sentir mal, um odor ruim se desprendia de seu corpo. Mesmo duchas e perfumes não conseguiam alterá-lo. As narrativas dão, também, detalhes mórbidos: a jovem sente dores atrozes, fica cega e não tem mais do que alguns dias de vida.

O fato relatado, porém, é clinicamente impossível de acontecer. Uma dose excessiva de bronzeamento artificial produziria, simplesmente, queimaduras na pele, como os golpes de sol comuns. A idéia que os raios ultravioletas possam queimar os órgãos internos provém de uma confusão com os aparelhos de microondas, que esquentam, na verdade, do interior para o exterior. Ora, estes dois tipos de radiação são opostos entre si: não têm qualquer semelhança. Também é inverossímil um cozimento interno indolor. Se isso fosse possível, a vítima teria morrido imediatamente por causa da destruição de órgãos vitais.

O surgimento dessa lenda se explica pela mudança de atitude do grande público em relação aos UVA nos anos 1980. Seguiram-se consecutivas descobertas científicas mostrando que os UVA podem ser tão perigosos quanto os raios UVB. O imaginário coletivo demonstrou esse novo receio por meio de uma história que narrou danos cutâneos irreversíveis, algumas vezes, até mesmo, cancerosos, simbolizados pelo cozimento dos órgãos internos em uma



**FIGURA 1**

Esquema da lenda urbana “A Jovem que Queria se Bronzejar”

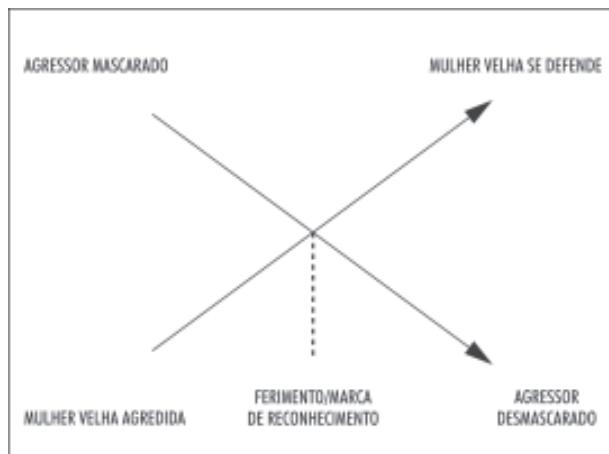
figura de retórica cara às lendas contemporâneas: o suplemento. Segundo uma regra clássica dos boatos e das lendas contemporâneas, a jovem é apresentada pela pessoa que conta a história como uma amiga de uma amiga. Ou ainda o narrador conhece, pessoalmente, a enfermeira, o médico ou o hospital que socorreu a infeliz. Pode-se esquematizar a narrativa conforme a figura 1.

O esquema evidencia a dupla inversão: a jovem cheia de vida e sedução é levada à morte enquanto uma máquina de embelezamento passa a ser uma máquina mortífera. O agente de inversão é a exposição excessiva aos raios UVA. A estrutura temática da história é simples: por trás da beleza aparente, existe um horror escondido. Pode-se encontrar esse tema em numerosas lendas urbanas que revelam a realidade escondida. Também somos levados a interrogar o significado desta história.

Sob o aspecto da crítica social, a narrativa questiona as novas tecnologias, especificamente os aparelhos emissores de ondas. É o caso dos boatos e das lendas sobre os fornos de microondas, os fios de alta tensão, o telefone celular etc. A jovem é punida por ter utilizado os métodos artificiais no lugar da natureza – sol – que poderia fazer o mesmo. A lenda é uma parábola moral em que a jovem é punida por sua *coquetterie*. Pode-se pensar nos *Vanitas* dos séculos XVI e XVII, estes quadros que representam uma jovem se penteando diante de um espelho, enquanto o diabo e a morte se posicionam atrás dele. É significativo que nenhuma variação da lenda coloca em cena um homem.

A jovem é submetida à ira da *justiça imanente*, já que ela é punida pelas consequências de seu próprio e condenável comportamento.

Sob o aspecto da análise mitológica, pode-se encontrar um antecedente medieval no tema iconográfico e literário do fim da Idade Média: *Frau Welt* ou “Senhora Mundo” é uma alegre jovem cujas costas estão podres e cobertas de úlceras. Assim, uma estátua do portão sul da catedral de Worms (século



**FIGURA 2**  
Esquema da lenda urbana “A Velha Senhora e o Agressor Mascarado”

XIII), na Alemanha, representa uma bela senhora, bem vestida, graciosa e sorridente, aos pés da qual se encontra um cavaleiro amoroso: observando-se atrás da estátua, descobre-se que as costas da dama estão roídas e que elas só evocam podridão. Esta alegoria foi estudada pelo psiquiatra Wolfgang Lederer na sua obra *Gynophobia ou la peur des femmes*.<sup>12</sup> A oposição beleza frontal/feiúra atrás foi substituída pela oposição beleza fora/feiúra dentro.

Em uma variação da lenda da “jovem que queria se bronzejar”, o médico declara a ela: “Você queria esse bronzeamento artificial, mas, agora, você irá pagar por isso, porque você está apodrecendo por dentro e, definitivamente, você morrerá por causa disso”.<sup>13</sup> Pode-se compreender essa equivalência entre os órgãos cozidos e os órgãos podres se nos lembrarmos do tema medieval.

A referência aos trabalhos de Claude Lévi-Strauss<sup>14</sup> traz um esclarecimento suplementar. Sabe-se que, para o eminent etnólogo, o Cru, o Cozido e o Podre formam uma estrutura triangular. O Podre e o Cozido simbolizam ambos a Morte, por oposição ao Cru, que é a Vida. Mas, enquanto o Podre é uma transformação natural do Cru, uma Morte pela Natureza (a significação simbólica do tema medieval – afora seu aspecto misógino – é que a Morte está presente na Vida e no Mundo), o Cozido é uma transformação cultural do Cru, uma Morte pela Cultura. Uma morte que, nas lendas modernas, atinge os próprios órgãos que dão a vida: as entradas da mulher. Esta parábola da morte causada pela cultura traduz bem, então, a mensagem fundamentalmente anti-tecnológica da lenda da mulher cozida pelos raios UVA.

**A VELHA SENHORA E O AGRESSOR MASCARADO** Esta história circulou, amplamente, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos nos anos 1970:

É inverno. Uma senhora idosa, que vive sozinha, aquece o fogo da chaminé. Toca a campai-

nha. Ela vai abrir a porta e se depara com um homem agressivo, com o rosto tapado por uma máscara, que tenta entrar. A velha senhora se defende dando um golpe de tição incandescente em cima da mão do agressor, que foge gritando de dor. Ela telefona, então, para a polícia e se refugia, em seguida, na casa dos vizinhos, um charmoso casal. Mas a moça que abre a porta tem um ar assustado: ela diz que seu marido acaba de entrar com uma terrível queimadura na mão.

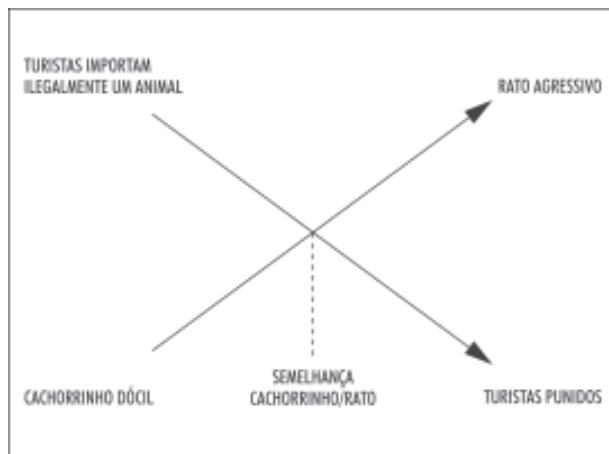
A estrutura narrativa da história mostra uma dupla inversão (figura 2).

Esta lenda ensina, primeiro, que mesmo os jovens casais da vizinhança podem ser atingidos pelo vírus da violência. É preciso, pois, desconfiar de todo mundo, inclusive de seus vizinhos. Em segundo lugar, a lenda justifica os comportamentos de auto-defesa. Em várias lendas que exploram esse tema, os agressores sofrem uma mutilação da mão: como não ver nisso uma reminiscência dos castigos de outrora infligidos aos ladrões! O golpe de tição evoca a própria marca de ferro em brasa nos criminosos. Klintberg<sup>15</sup> explica a freqüência do tema da vingança nas lendas urbanas pelo fato de que a justiça é reticente em com relação à auto-defesa e que nós permanecemos inconscientemente fascinados por uma justiça arcaica, fundada sob a lei de talião.

Além disso, é interessante observar que se o vizinho gentil da lenda possui uma face escondida de criminoso, a senhora idosa revela, também, certas potencialidades agressivas. Nós seríamos todos, portanto, O Médico e o Monstro (Dr. Jekyll e Mr Hyde)!. O personagem do vizinho agressor encontra seu antecedente na casa dos porquinhos ou dos cabritos – ou, melhor ainda, na figura do lobisomem, que reúne o tema da metamorfose e o da violência. A folclorista inglesa Jacqueline Simpson,<sup>16</sup> estudando esta lenda urbana, observou, com pertinência, que o reconhecimento do agressor pelo ferimento corresponde, exatamente, ao motivo do “duplo ferimento” nas histórias de lobisomem: desmascara-se o homem que se metamorfoseia em lobo porque ele tem um ferimento no mesmo lugar do corpo em que o animal foi ferido.

**O CACHORRINHO FILIPINO** Nos anos 1980, contava-se na França a seguinte história:<sup>17</sup>

Um casal de franceses partiu em férias para as Filipinas. Eles retornaram a Paris trazendo um simpático cachorrinho que tinham encontrado e alimentado várias vezes em um restaurante. O casal pediu permissão ao gerente – que aceitou com um sorriso estranho nos lábios – se podia levar o cachorrinho. O animal simpatizou com o gato da casa. Mas, um dia, quando os proprietários esqueceram de alimentá-lo, des-



**FIGURA 3**  
Esquema da lenda urbana “O Cachorrinho Filipino”

cobriram o gato estrangulado, uma verdadeira carnificina! Depois de levarem o animal ao veterinário, este lhes disse que se tratava de um rato gigante das Filipinas, e declarou à mulher, aos pés da qual o animal tinha o costume de dormir, que ele bem que podia devorar-lhe o rosto!

Esta história é contada também nos Estados Unidos, na Itália e na Alemanha. Na versão americana, o “cachorrinho” é trazido do México.<sup>18</sup> A anedota corresponde ao esquema da dupla inversão (fig. 3). Os turistas ignorantes e imprudentes que transgridem a lei ao importar, ilegalmente, um animal exótico são punidos pela justiça imanente. A lenda contém duas mensagens implícitas. A primeira é que a natureza, aparentemente doméstica, pode se tornar selvagem. A história se aproxima de outras lendas contemporâneas que evocam este retorno, às vezes inesperado, da agressividade animal: por exemplo, o boato dos jacarés nos esgostos de Nova York. Estas narrativas são tornadas verossímeis pela moda dos NAC (em francês, os Nouveaux Animaux de Compagnie), que fazem com que os gatos, os cachorros e os canários sejam substituídos pelas serpentes e os leopardo. A segunda mensagem é mais implícita ainda por ser mais “vergonhosa”: ela exprime uma atitude xenófoba. Na verdade, os animais ou as plantas exóticas importados e que se revelam perigosos simbolizam os estrangeiros. Estas lendas denunciam os imigrantes clandestinos que parecem simpáticos, mas que se revelam agressivos.

**O TERRORISTA COMPASSIVO** Na primeira quinzena de dezembro de 2002, a seguinte história foi contada em Montpellier:

“É uma história que aconteceu a uma paciente de fisioterapia de minha avó”, conta Emilia, 23 anos, enfermeira. “Certo dia, uma senhora percebe um homem, que parecia ser árabe, deixar

cair, por descuido, sua carteira. Gentilmente, ela a junta, vai atrás dele, alcança-o e entrega a carteira para ele. Tocado por esse gesto, o homem se desmancha em agradecimentos e lhe sussurra, antes de ir embora: ‘Não vá ao Polígono no 15 de dezembro’. Ligeiramente inquieta, a senhora vai à delegacia relatar o fato. Ela faz um desenho-falado do indivíduo. Os policiais o identificam, então, como sendo um extremista da rede Al Qaida”<sup>19</sup>

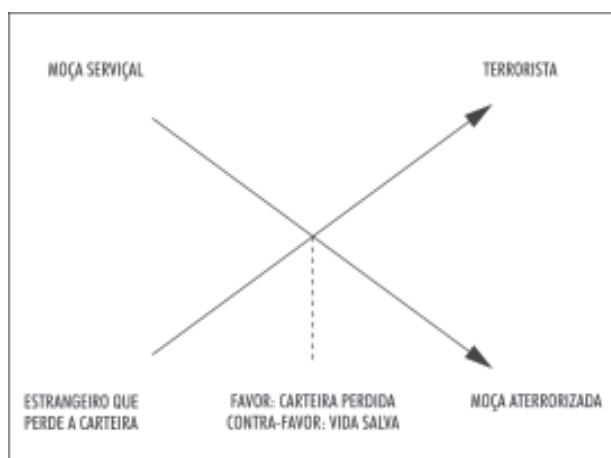
No mesmo momento, uma história semelhante circulava nas grandes cidades francesas (Strasbourg, Grenoble, Nancy, Marseille, Lyon etc.): a data anunciada era idêntica, só mudava o nome do centro comercial, que correspondia ao ponto mais movimentado de cada cidade.

Quando eu tomei conhecimento deste boato, eu imediatamente reconheci a lenda que tinhia circulado no final de setembro e início de outubro de 2001 nos Estados Unidos e na Europa, pouco depois dos atentados terroristas do 11 de Setembro, em Nova York. Véronique Campion-Vincent e eu mesmo lhe havíamos consagrado várias páginas do nosso livro *De source sûre*.<sup>20</sup> Em dezembro de 2002, o contexto explica a volta da lenda: a ameaça terrorista estava, ainda, fortemente presente (em razão dos negócios reais de descobertas de armas e de explosivos na França e na Alemanha), inclusive pelas autoridades que haviam anunciado a amplificação do plano Vigipirate de vigilância dos locais públicos (a partir de 15 de dezembro, de onde, provavelmente, a escolha dessa data pelo boato), no mesmo momento em que as festas de fim de ano iam provocar um afluxo de pessoas nos grandes centros comerciais. A anedota parecia, portanto, verossímil.

Na metade de outubro de 2001, esta história era contada em toda a região parisiense. Ela colocava em cena um árabe perdendo sua carteira no metrô. As redações dos jornais foram avisadas, da mesma maneira que o Ministério do Interior. Mas não houve, na verdade, qualquer testemunho na polícia ou atentado anunciado – e era sempre empurrado para o dia seguinte. Que essa história tenha circulado por Paris e que tenha sido a propósito de uma ameaça no metrô explica-se facilmente: o recente ataque terrorista em Nova York havia conduzido as autoridades francesas a reativar o plano Vigipirate e, na memória coletiva dos parisienses, a lembrança do sangrento atentado no RER, em 1995, veio à tona.

Mas, seguindo um mecanismo clássico, os parisienses tinham, simplesmente, tomado de empréstimo e adaptado uma história que circulava há duas semanas em Londres, especificamente por e-mail, e que se encontrava, também, sob diversas versões nos Estados Unidos. A estrutura narrativa da lenda pode ser representada conforme a figura 4.

As histórias do tipo “terrorista compassivo” exploraram um tema clássico das narrativas de guerra,



**FIGURA 4**  
Esquema da lenda urbana “O Terrorista Compassivo”

verdadeiras ou falsas: o tema do “inimigo cordial”. É preciso saber que histórias semelhantes de terroristas compassivos já eram contadas em Londres e em várias cidades da Inglaterra nos anos 1980–1990, mas elas diziam respeito a um homem de “acento irlandês” e eram contemporâneas da onda de atentados capitaneada por extremistas irlandeses. Em sua obra consagrada às histórias que circularam durante a Segunda Guerra mundial, a psicanalista Marie Bonaparte dá dois exemplos que se situam em dezembro de 1940, em Paris, alguns meses depois da derrota francesa:

“Um oficial alemão se preocupa com seu hóspede parisiense exortando-o a esconder suas crianças no porão em caso de partida das tropas alemães, pois, ao se retirarem, o comandante daria ordem para matarem todos os pequenos franceses”<sup>21</sup>

“Uma enfermeira cuidou de um oficial alemão. Em reconhecimento, ele desejava lhe dar um presente, que ela recusou. Então, como presente, deu-lhe um conselho: no caso de saída das tropas alemãs de Paris, que ela protegesse todas as pessoas que lhe eram caras, porque os alemães receberam ordens formais de aniquilar todos os franceses”<sup>22</sup>

Uma anedota mais antiga ainda foi divulgada durante a Segunda Guerra: um boato que circulou em Londres, em 1915, dizia que um oficial alemão, depois de ter sido bem cuidado por uma enfermeira britânica, advertiu-a que um ataque à bomba iria ser efetuado no metrô londrino.<sup>23</sup> Como interpreta a psicanálise, as narrativas têm por objetivo exorcizar a angústia dos vencidos diante da agressão inimiga: afirma-se, de um lado, que os inimigos são terríveis e redutíveis (os massacres reais ou anunciados) e, de outro, que alguns entre eles podem ser cordiais e assegurar, assim, nossa sobrevivência. As lendas atu-

ais de terroristas compassivos preenchem, exatamente, a mesma função psicológica. Em várias versões da lenda, a hesitação do terrorista em advertir a moça traduz essa dupla atitude de insensibilidade e de compaixão dada ao inimigo.

O tema do dinheiro, presente nas narrativas contemporâneas (carteira perdida) se comprehende melhor à luz de algumas outras narrativas coletadas e analisadas por Marie Bonaparte. No seu capítulo “O mito do dinheiro descoberto”, várias histórias se juntam em um mesmo roteiro: uma boêmia adivinha, com exatidão, o montante contido em uma carteira e depois anuncia a morte próxima de Hitler. O dono da carteira declara que dará, de bom grado, este dinheiro à boêmia se sua previsão se realize. Para Marie Bonaparte, a oferta monetária em troca da realização de um voto aparece como um comportamento supersticioso arcaico. Igualmente, nas lendas dos terroristas compassivos, o dinheiro é, de uma maneira ou de outra, trocado por uma informação vital.

Se voltarmos ainda mais longe, pode-se ver nas lendas dos terroristas compassivos formas modernas de temas folclóricos antigos, às vezes até de natureza fantástica. As narrativas modernas exploram, de fato, o tema da “recompensa protegendo de um desastre”.<sup>24</sup> Freqüentemente, trata-se de uma recompensa importante (favor de algum alimento, pronto, conserto de um utensílio, entrega de uma peça etc.). A desproporção é grande entre, de um lado, a carteira entregue e a pequena quantia de dinheiro dada e, de outro, a advertência que permite salvar a própria vida e a dos amigos. O *tema-index* de Stith Thompson nos ensina, igualmente, que em numerosas narrativas o pequeno serviço é feito por um mortal a um ser fantástico (deus, diabo, fada, duende) que o recompensa amplamente em troca, do fato de seus poderes sobrenaturais. Ora, os terroristas, mesmo que existindo realmente, ocupam no imaginário coletivo, sobretudo se eles são estrangeiros, o lugar tradicionalmente ocupado pelos demônios, criaturas maléficas vindas do além.

O fato que nas lendas dos terroristas compassivos ou dos inimigos cordiais a pessoa recompensada seja freqüentemente uma mulher não pode passar despercebido: em muitas tradições culturais, a mulher é, “naturalmente”, protetora. Ela está em contato com as forças sobrenaturais e preenche um papel de intercessora entre os seres humanos e os seres do além.

### Conclusão

Concluindo, pode-se dizer que nós acreditamos nos boatos e nas lendas urbanas por quatro razões fundamentais:

1. *O boato ou a lenda revela uma informação ou uma situação surpreendente.* Freqüentemente, trata-se de uma advertência que diz respeito a um perigo;

2. *O boato ou a lenda evoca, indiretamente, um problema social real e atual.* Os boatos que os meios irão circular são aqueles que evocam, simultaneamente, vários problemas sociais;
3. *O boato espalha uma mensagem moral,* permitindo distinguir entre os bons e os maus. Coloca em cena uma justiça imanente;
4. *O boato ou a lenda resgata temas folclóricos antigos.* É a forma moderna das narrativas lendárias de antigamente. Como os contos e lendas do passado, quanto maior forem a simplicidade e a força da carga simbólica dessas narrativas, maior será o sucesso obtido. ■FAMECOS

**NOTAS**

- \* Traduzido do francês por Eduardo Portanova Barros (doutorando PUCRS/bolsista CNPq).
- 1. Jean-Noël Kapferer, *Rumeurs. Le plus vieux média du monde*, Paris, Éditions du Seuil, coll. "Points Actuel", 1990 (1ère éd. 1987).
- 2. Tradução literal da expressão "*urban legends*" amplamente utilizada nos Estados Unidos a partir do início dos anos 1980.
- 3. Michel-Louis Rouquette, "Le syndrome de rumeur", *Communications*, n° 52, 1990, pp. 119–123.
- 4. Cf. Georges Auclair, *Le Mana quotidien : structures et fonctions de la chronique des faits divers*, Paris, Anthropos, 1970.
- 5. Os anglo-saxões denominaram FOAF (*Friend Of A Friend*) este personagem anônimo e recorrente dos boatos e das lendas urbanas.
- 6. Jean-Bruno Renard, *Rumeurs et légendes urbaines*, Paris, PUF, coll. "Que sais-je?" n° 3445, 1999 (3e éd. 2006), pp. 68–98.
- 7. Jan H. Brunvand, *Encyclopedia of Urban Legends*, Santa Barbara (California), ABC-CLIO, 2001.
- 8. O quebequense Christian Vandendorpe (*Apprendre à lire des fables*, Montréal, Éditions du Préambule, 1989) criou um modelo narrativo para as fábulas, o esquema da dupla inversão, no qual dois protagonistas, um dominante, o outro dominado, invertem suas posições (por exemplo, as fábulas *O cravo e a rosa*, *O corvo e a raposa* etc.). Este esquema se aplica perfeitamente às lendas urbanas (cf. Jean-Bruno Renard, *Rumeurs et légendes urbaines*, op. cit., pp. 87–94).
- 9. Ver, por exemplo, "Trois légendes urbaines anti-racistes" em Véronique Campion-Vincent et Jean-Bruno Renard, *De source sûre*, Paris, Payot, 2002 (rééd. 2005), pp. 146–159.
- 10. Stith Thompson, *Motif-Index of Folk-Literature*, 6 vol., Bloomington (Indiana), Indiana University Press, 1989 (éd. orig. 1955–1958).
- 11. Jan Harold Brunvand, *Curses! Broiled Again! The Hottest Urban Legends Going*, New York, Norton, 1989, p. 29–36.
- 12. Wolfgang Lederer, *Gynophobia ou la peur des femmes*, trad. de l'américain par M. Manin, Paris, Payot, 1970 (éd. originale 1968).
- 13. Jan Harold Brunvand, *Curses! Broiled Again!*, op. cit., p. 35.
- 14. Claude Lévi-Strauss, *Le Cru et le Cuit*, Paris, Plon, 1964, et *L'Origine des manières de table*, Paris, Plon, 1968.
- 15. Bengt af Klintberg, "Why are there so many modern legends about revenge?", in Paul SMITH (ed.), *Perspectives on Contemporary Legend*, Sheffield, CECTAL, University of Sheffield, 1982, pp. 141–146.
- 16. Jacqueline Simpson, "Rationalized motifs in urban legends", *Folklore*, 92, 1981, pp. 203–207.
- 17. Véronique Campion-Vincent et Jean-Bruno Renard, *Légendes urbaines. Rumeurs d'aujourd'hui*, Paris, Payot, 1992 (rééd. 2002), pp. 283–284.
- 18. Jan Harold Brunvand, *The Mexican Pet. More "New" Urban Legends and Some Old Favorites*, New York, Norton, 1986, pp. 21–23.
- 19. *La Gazette de Montpellier*, n° 759, 13–19 décembre 2002, p. 5.
- 20. Véronique Campion-Vincent et Jean-Bruno Renard, *De source sûre*, op. cit., pp. 242–248.
- 21. Marie Bonaparte, *Mythes de guerre*, Londres, Imago, 1946, p. 76.
- 22. *Ibid.*, pp. 76–77.
- 23. James Hayward, *Myths & Legends of the First World War*, Phoenix Mill, etc., Sutton, 2002, p. 19.
- 24. Motif Q150 em Stith Thompson, *Motif-Index of Folk-Literature*, op. cit.